

TECENDO A HISTÓRIA DO RÁDIO EM PORTO NACIONAL – TO (1968-1989): DA CLANDESTINIDADE À PRIMEIRA EMISSORA LEGALIZADA

TEJIENDO LA HISTORIA DE LA RADIO EN PORTO NACIONAL – HASTA (1968-1989): DE LA CLANDESTINIDAD A LA PRIMERA EMISORA LEGALIZADA

WEAVING THE HISTORY OF RADIO IN PORTO NACIONAL (1968-1989): FROM UNDERGROUND TO THE FIRST LEGALIZED RADIO STATION

SOUZA, MARCELO ALESSANDRO HONORATO DE

Mestre em Educação - UFT

E-mail: professormarcelo.educ.@gmail.com

SANTOS, JOCYLÉIA SANTANA DOS

Pós- Doutora em Educação (UEPA). Doutora em História -UFPE, Professora Titular da UFT.

E-mail: jocyleiasantana@gmail.com

RESUMO

Este artigo traz como proposta de estudo trazer à memória a história do rádio em Porto Nacional - TO e conhecer o contexto histórico que determinou o surgimento do rádio nesta região, até então, pertencente ao antigo norte do estado de Goiás. A presente pesquisa em andamento tem por objetivo conhecer os fatos históricos que motivaram pioneiras/os à implantação de emissoras de rádio nesta cidade e suas contribuições para a difusão do sistema de rádio para a região. O corpus teórico pauta-se na metodologia da pesquisa documental e bibliográfica a partir de autores tais como Ferrareto (2001), Kischinsky (2009) Calabre (2002; 2004), Ortriwano (2003), Rocha (2006), Lopes et.al (2015), Sousa (2016), Paixão (2018), Santos (2019), entre outros, ressaltando o início, a importância, contribuição e impacto do rádio no Brasil, seu surgimento no estado de Goiás até chegar ao contexto histórico pertencente à Porto Nacional. O artigo busca responder ao seguinte questionamento: como surgiu o sistema de radiodifusão em Porto Nacional? Diante posto, percebe-se que o início do rádio em Porto Nacional partiu de interesses políticos, mas que, posteriormente, tomou proporção popular sendo lugar de fala e representatividade da comunidade portuense ao discutir seus anseios, utilizando o espaço das rádios livres, surgidas em meados da década de oitenta, para debates e discussões em busca da emancipação política do estado de Tocantins.

PALAVRAS-CHAVE: : Rádio. História do Rádio. História do Rádio em Porto Nacional.

RESUMEN

Este artículo propone un estudio para recordar la historia de la radio en Porto Nacional - TO y conocer el contexto histórico que determinó el surgimiento de la radio en esta región, hasta entonces perteneciente al antiguo norte del estado de Goiás. El curso tiene como objetivo comprender los hechos históricos que motivaron a los pioneros a establecer estaciones de radio en esta ciudad y sus aportes a la difusión del sistema radial en la región. El corpus teórico se fundamenta en la metodología de la investigación documental y bibliográfica de autores como Ferrareto (2001), Kischinsky (2009) Calabre (2002; 2004), Ortriwano (2003), Rocha (2006), Lopes et.al (2015), Sousa (2016), Paixão (2018), Santos (2019), entre otros, destacando el inicio, importancia, contribución e impacto de la radio en Brasil, su surgimiento en el estado de Goiás hasta llegar al contexto histórico perteneciente a Porto Nacional. El artículo busca responder a la siguiente pregunta: ¿cómo surgió el sistema de transmisión en Porto Nacional? Por lo tanto, se puede ver que el inicio de la radio en Porto Nacional surgió de intereses políticos, pero que, luego, adquirió proporciones populares, siendo un lugar de expresión y representación de la comunidad portuense a la hora de discutir sus deseos, utilizando el espacio de Estaciones de radio libres, que surgieron a mediados de los años ochenta, para debates y discusiones en busca de la emancipación política del estado de Tocantins.

PALABRAS CLAVES: Radio. Historia de la Radio. Historia de la Radio en Porto Nacional

ABSTRACT

This paper brings as a study proposal to recall the history of radio in the city of Porto Nacional (state of Tocantins, Brazil) and to know the historical context that determined the emergence of radio in this region, until then, belonging to the former north of the state of Goiás. This ongoing research aims to know the historical facts that motivated pioneers to implement radio stations in this city and their contributions to the dissemination of the radio system in the region. The theoretical corpus is based on the methodology of documentary and bibliographic research from authors such as Ferrareto (2001), Kischinsky (2009), Calabre (2002; 2004), Ortriwano (2003), Rocha (2006), Lopes et.al (2015), Sousa (2016), Paixão (2018), Santos (2019), among others, highlighting the beginning, importance, contribution and impact of the radio in Brazil, its emergence in the state of Goiás until reaching the historical context belonging to Porto Nacional. The paper seeks to answer the following question: how did the broadcasting system in Porto Nacional come about? Given this, we can see that the beginning of the radio in Porto Nacional came from political interests, but that, later, took popular proportions as a place of speech and representation of the Porto community when discussing their concerns, using the space of free radios, which emerged in the middle of the eighties, for debates and discussions in search of the political emancipation of the state of Tocantins..

KEYWORDS: Radio; History of the Radio; History of the Radio in Porto Nacional.



INTRODUÇÃO

Ouvir rádio é mais que ouvir música, pois essa “caixinha acústica” transmite, além de produtos musicais, sentimentos, emoções, notícias, assim como interliga pessoas e ideias. O rádio revela-nos um mundo de possibilidades pois o processo científico, que criou o rádio, revolucionou também viver em sociedade aproximando bairros, cidades e até países, tornando-se um bem indispensável e integrante assíduo na residência e no cotidiano de milhares de ouvintes.

Podemos considerar o surgimento do rádio como um fenômeno mundial descoberto no século passado, pois enquanto aparelho de comunicação, oferece portabilidade e facilidade de uso e acesso, agradando a todos os segmentos sociais, pois o mesmo pode ser ouvido em muitas circunstâncias do dia a dia: enquanto realiza-se alguma atividade de cunho pessoal ou em grupo, acompanhado de um bom café, ao dirigir o automóvel pela cidade, conectado ao fone de ouvido no local de trabalho, ao pegar o coletivo interurbano ou ao acessar os mais variados espaços e ambientes urbanos ou rurais: o rádio está lá, presente! E quando não se pode levá-lo à tiracolo, ele pode ser acessado facilmente pelo celular por meio de aplicativos hoje disponíveis.

É interessante observarmos que, mesmo diante o avanço das novas tecnologias, milhares de pessoas ainda utilizam o rádio como principal meio de informação no País. O veículo prestes a completar 100 anos em 2023, sobreviveu e se reinventou após a chegada da TV, na década de 50 e da internet, mais recentemente.

Com este enfoque, o artigo busca, de um modo especial, apresentar os primeiros resultados da pesquisa historiográfica sobre o rádio no estado de Tocantins mais especificamente, conhecer a respeito de sua difusão na cidade de Porto Nacional, sendo o recorte histórico datado do período compreendido entre 1968, ano da criação da Rádio Difusora do Tocantins em pleno período da Ditadura Militar, sendo esta considerada a semente do Rádio Tocantinense, até meados de 1989, ano de fundação da Rádio Araguaia FM, primeira emissora oficialmente regularizada e devidamente legalizada pelo Departamento Nacional de Telecomunicações (DENTEL), órgão responsável pelo sistema de radiodifusão na época.

O cenário desta pesquisa é a cidade de Porto Nacional, conhecida e considerada, naquela época, como o centro urbano mais desenvolvido ao norte do estado de Goiás, junto com a capital Goiânia, além de ser condecorada como a “Capital da Cultura” por ter conquistado destaque no período aurífero do século XVIII, ao ser promotora de desenvolvimento comercial, cultural, político e intelectual incentivando e desenvolvendo a navegação fluvial, fortalecendo a economia da região norte de Goiás, assim como destacou-se também na oferta de educação com princípios franceses, com a presença das Irmãs Dominicanas que estabeleceram Missão Católica naquela cidade ao virem contribuir para a expansão educacional no antigo norte de Goiás, recebendo estudantes advindos de várias regiões do Brasil para realizarem seus estudos. A cidade, ainda, firmou-se na História por ser palco pioneiro das manifestações para a criação e autonomia do estado de Tocantins, desde as idas dos anos de 1950 do século passado.

Diante dessa problemática histórica, o objetivo desta pesquisa em andamento é conhecer a trajetória de implantação do sistema de radiodifusão na cidade de Porto Nacional, buscando-se conhecer o contexto e fatos históricos da época que motivaram pioneiras/os à implantação de emissoras de rádio nesta cidade, assim como as contribuições dessas emissoras para a efetivação de práticas socioeducativas em prol da comunidade em geral.

A justificativa por esta pesquisa surgiu a partir do momento em que se percebe a ausência de mais produções científicas relacionadas ao surgimento de emissoras de rádio no antigo norte do estado de Goiás pois, até a década de 1970, a expansão e as diversas formas dos meios de comunicação não instigavam o interesse dos historiadores em pesquisar sobre este assunto, nem como fonte e nem como objeto. Até a década de 1970, o surgimento, a expansão e as diversas formas de inserção dos meios de comunicação não foram fontes de pesquisa. Predominava no meio acadêmico, entre as correntes historiográficas, aquela que se voltava para o documento escrito e “oficial” como a única fonte confiável.

Por este motivo, dar os primeiros passos em realizá-la tem sido desafiador, mas este trajeto de pesquisa pretende apresentar os caminhos já trilhados em torno deste objeto de estudo através de reencontros com fatos históricos, lembranças, grandes recordações de personagens até então esquecidos, fatos estes que fazem parte da história de muitos ouvintes que trazem em sua memória afetiva momentos inesquecíveis vivenciados em torno do rádio, seja na hora do almoço ou do jantar, ouvindo as radionovelas, os cantores do rádio nos programas de auditórios ou os noticiários que traziam em tempo real os acontecimentos do Brasil e do mundo, através da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, ou sintonizado nos caucos nortistas pela Rádio Nacional da Amazônia.



Assim, podemos dizer que, esta pesquisa ganha relevância na medida em que indica os estudos para a produção de um campo reflexivo e ao resgatar a memória de elementos históricos importantes, os quais não se encontram devidamente registrados por meio de pesquisas científicas, o que faz com que este estudo torne-se mais significativo no sentido de trazer a conhecimento e resgate histórico de um meio de comunicação tão importante como a presença de emissoras de rádio no antigo norte de Goiás.

A metodologia utilizada para este artigo traz a pesquisa documental e bibliográfica a qual busca trazer uma discussão dialógica a fim de registrar fatos importantes da história do rádio no Brasil e sua expansão pelo país, principalmente ao norte de Goiás, descrevendo as principais fases que marcaram as épocas mencionadas.

Portanto, abordaremos os aspectos históricos embasados nos autores: Ferrareto (2001), Kischinsky (2009) Lopes et.al (2015), Ortriwano (2003), Paixão (2018), Rocha (2006), Santos (2019), Sousa (2016), entre outros, evidenciando a importância, contribuição e impacto do rádio no Brasil, seu surgimento no estado de Goiás até chegar ao contexto histórico pertencente a Porto Nacional.

O rádio no Brasil

Breve contextualização histórica

O rádio no Brasil surgiu como fenômeno social e cultural aproximando cidades, estados e até países por meio da tecnologia associada ao uso da telegrafia, o telefone sem fio e as ondas de transmissão. Para a época, esta foi a grande novidade a qual determinaria profundas transformações nas estruturas sociais, econômicas, políticas e culturais, principalmente na comunicação mundial, repassando informações em tempo real de fatos que aconteciam à época.

De acordo com Ferrareto (2001) e Calabre (2004), o início das transmissões de rádio no Brasil, ocorreu em 07 de setembro de 1922 (ORTRIWANO 2003, p. 68), data de comemoração do Centenário da Independência do Brasil, com a utilização de um transmissor de 500 watts (FERRARETO. 2001, p.96) ao realizar-se uma transmissão em caráter experimental. Na ocasião, de acordo com Calabre (2004), foram transmitidos diretamente do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em tempo real, o discurso do Presidente Epitácio Pessoa, seguido da apresentação da ópera "*O Guarany*", de Carlos Gomes, fato este que a imprensa escrita noticiou com o evento de forma enfática, ressaltando a grandiosidade da transmissão do acontecimento via rádio.

Ao tratar-se do surgimento da primeira emissora de rádio brasileira, a literatura nos apresenta questionamentos à respeito quando, por exemplo, verifica-se que a Rádio Clube de Pernambuco, até hoje no ar, teve seu surgimento em 06 de abril de 1919, quando a mesma foi inaugurada com um transmissor importado da França, por Oscar Moreira Pinto, conforme observou Ortriwano (1985). Mas a historiografia também nos afirma que o acontecimento realizado em Pernambuco se tratou de experiências radiotelegráficas e não radiofônicas (SCHERER, 2011). No entanto, o Rádio Clube de Pernambuco organiza-se como emissora de rádio, efetivamente, a partir de 1923, com a aquisição de um transmissor de dez watts, garantindo-lhe o patamar de rádio oficial, graças ao empenho de Roquete Pinto, Henry Morize e uma equipe liderada por Augusto Joaquim Pereira, Moreira Pinto, João Cardoso Alves, Carlos Lira, George Gotis, Elba Dia, entre outros (MURCE, 1976, p. 19).

Portanto, de acordo com Ortriwano (1985, p. 13) consideramos a data de 20 de abril de 1923 como o início da transmissão do sistema de rádiodifusão que, anos mais tarde, estabeleceu-se nas maiores cidades e capitais do país. Nesta data, os idealizadores Roquete Pinto e Henry Morize, fundaram a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro (um ano após o sucesso da primeira transmissão realizada em ocasião do Centenário da Independência), cujo alcance era restrito pela falta de estrutura adequada e de profissionais técnicos capacitados. Apenas a elite tinha acesso às transmissões pelo fato de os aparelhos de rádio serem bastante caros (CALABRE, 2004, p.2). Com toda essa projeção, Roquete Pinto passou a ser considerado o "pai do rádio brasileiro", referência para uma gama de radialistas e emissoras que surgiriam anos mais tarde. Desta forma, seu aniversário natalício tornou-se o aniversário do Rádio no Brasil: 25 de setembro.

Quanto à programação, ela era voltada à elite trazendo uma variedade de entretenimento através de programas educativos, informativos, musicais, declamação de poesias, solos ao piano e muita música clássica (ORTRIWANO, 1985, p. 13). Isso, porque era a mesma classe social quem financiava as despesas provenientes das aquisições de aparelhos necessários ao funcionamento da emissora os quais vinham do exterior (ORTRIWANO, 1985, p. 14) e neste prisma, a



elite atuava como sócio, adquirindo os aparelhos, mas, em contrapartida, ditava as programações (STEINBRENNER et.al, 2013).

No princípio, as transmissões de rádio AM (ondas médias), não traziam em sua grade de programação patrocínios, anúncios ou propagandas. Isso se deve ao fato de que não existia, até então no Brasil, uma lei que regulamentasse a veiculação de propagandas e publicidades. Somente no ano de 1931, o presidente Getúlio Vargas autorizou a veiculação de publicidades em emissoras de rádio (FIGUEREDO, 2003) com o decreto-lei nº 21.111, o qual concedeu o direito de exploração de emissoras de rádio privadas e a comercialização de sua grade de programação. Após sua regulamentação, com a inserção de apoiadores e patrocinadores, de acordo com Meneguel (2021) as emissoras de rádio passaram a adquirir uma infraestrutura com melhores instalações, e passaram a contratar profissionais para a programação diária. Assim, o Rádio foi se popularizando, atendendo às camadas mais populares, levando lazer e diversão com uma programação variada iniciando um período de concorrências acirradas (BARBOSA FILHO, 2009, p. 42).

Calabre (2004) define esta fase como a época da publicidade economicamente rentável, pois as emissoras de rádio encontraram alívio e condições para solucionar os inúmeros problemas existentes que travavam a sobrevivência financeira das emissoras. Mas, diante dessa “concessão publicitária”, o Estado criou uma hora de programação obrigatória diária em cadeia nacional, cujo objetivo foi de aperfeiçoar a relação política com a sociedade, “estreitar os laços” de proximidade sem precisar montar uma rádio geradora, fato que traria altos investimentos. Assim, nascia o Programa Nacional em 1932, mas somente em 1939 alcançou seu apogeu com a criação da Hora do Brasil, programa governamental com o propósito de repassar as ações do governo federal em todas as instâncias federativas.

Outro fato histórico interessante é que, aqueles interessados em adquirir um aparelho de rádio, deveriam recorrer ao Departamento de Correios e Telégrafos, que na época era pertencente ao Ministério da Aviação, responsável pelo controle das questões relacionadas ao sistema de rádiodifusão, a fim de preencher vários formulários e requerimentos para obter a concessão e adquirir um aparelho receptor. Isso porque, de acordo com (MARQUES, 2014), os aparelhos de rádio eram controlados pelo Estado e, desta forma, ao liberar a aquisição do aparelho receptor, o Estado conseguia “medir a audiência” existente em território nacional. Este procedimento vigorou até o ano de 1964, quando o governo militar finalizou este procedimento de requerimento de aparelhos receptores liberando a sua comercialização.

Em 1936 foi inaugurada a Rádio Nacional do Rio de Janeiro considerada um marco na história do rádio brasileiro, pois passou a disputar o primeiro lugar de audiência, sendo patrocinada por grandes empresas tais como a Coca-Cola, com uma quantia financeira significativa, a qual escolheu a emissora como forma de ingressar no mercado brasileiro através do programa Um Milhão de Melodias, programa este utilizado como estratégias de divulgação e vendas do produto (CALABRE. 2004, p. 2). A partir daí, várias multinacionais passaram a ter o rádio como parceiro comercial, pois esta comodidade já existia em países europeus.

Assim se inicia o período que Ferraretto (2001, p.12) define como apogeu do “Rádio Espetáculo”, compreendido entre os anos de 1940 a 1955, contexto em que caracterizou-se por uma programação rica em entretenimento, pautado principalmente nos programas de auditórios, humorísticos e radionovelas. O esportivo tinha seu espaço, mas não tão abrangente como os demais citados. O radiojornalismo foi, o que podemos dizer, carro-chefe da programação pois, naquele contexto histórico, acentuava-se a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) cujo acontecimento era noticiado diuturnamente através dos programas radio jornalísticos como o Repórter Esso, da Rádio Nacional.

No tocante ao entretenimento, a primeira grande produção artística da emissora foi em 1941, com a radionovela Em Busca da Felicidade, obra original de Leandro Blanco, adaptado por Gilberto Martins, a qual era exibida no período da manhã. Com o sucesso da radionovela, outras emissoras inspiraram-se e passaram a produzir radionovelas em faixas e horários variados, incentivando a concorrência e a briga pela audiência. Podemos inferir que as radionovelas eram, possivelmente, métodos utilizados a fim de segurar a atenção dos ouvintes para que eles tivessem contato com a publicidade e propagandas presentes nos intervalos.

Certo é que as radionovelas se transformaram em um mundo de entretenimento, como tão bem denomina Calabre (2004.p.4), pois elas estimulavam suas imagens ao público, desdobrando-se em possíveis atitudes, modas, polêmicas, discussões e atiçava a curiosidade dos ouvintes ao imaginarem como seriam aqueles personagens na vida real.

Outro grande sucesso produzido pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, foi a radionovela O direito de nascer. Tavares (1997, p.203) nos diz que as ruas do Rio de Janeiro, cinemas, teatros e outros meios de vida social ficavam vazios no horário da radionovela, pois ela era sucesso de audiência. Tavares (1997) afirma que era um horário precisamente religioso em que os ouvintes se emaranhavam e se envolviam na trama vivida por Alberto Limonta e os demais personagens tais como Isabel Cristina, Mamãe Dolores, Dom Rafael e tantos outros que emocionavam as famílias brasileiras em torno do rádio (SOUZA, 2021).



Mas somente a partir de 1942, a Rádio Nacional expandiu suas transmissões para todo o Brasil, levando seus programas de auditórios, musicais, radionovelas e radiojornais, com a competência de profissionais altamente qualificados garantindo-lhe índices altíssimos de audiência, sendo A emissora considerada modelo para as demais que surgiram em várias regiões do Brasil nas décadas de 40 e 50.

O ano de 1947 marca mais um grande passo para a difusão do rádio no Brasil com a invenção do transistor, tecnologia responsável por permitir ao cidadão a mobilidade e portabilidade do aparelho (FERRARETTO, 2001). Para Lopez et.al (2015, p. 187), a descoberta do transistor transformou os programas de rádio mais intimistas com uma linguagem singular ao tratar os ouvintes como “querido amigo”, “amiga dona de casa”, “amigo radiouvinte”.

Com isso, iniciaram-se as turnês por todo o Brasil levando em suas caravanas os astros das radionovelas, cantores do rádio e outros artistas, os quais, anos mais tarde, parte deles tornaram-se artistas de TV (CALABRE, 2004, p. 6).

Calabre (2004) nos diz que entre os anos de 1945 e 1950 houve crescimento do segmento radiofônico com a criação de novas emissoras ondas curtas por todo o Brasil e com o aperfeiçoamento de equipamentos diversos, pois o rádio precisou se renovar para sobreviver ao advento da televisão que levou consigo grande parte dos patrocinadores além dos programas de auditórios, radionovelas que passaram a se chamar novelas, radiojornais em jornais e os cantores do rádio das chanchadas¹ que passaram a aparecer em programas televisivos.

Assim, a Era do apogeu do Rádio caminhava para o seu fim (VIANA, 2009), mas ele precisava se reinventar, passo este determinante para uma nova forma de ser do rádio que passou a assumir programas mais votados à “prestação de serviços, noticiários policiais ou entrevistas, que podiam ser produzidos a custo infinitamente inferior” (KISCHINHEVSKY, 2007, p. 23). Assim, os programas de auditórios aos poucos cediam espaço para programas mais populares, interativos com histórias e dramas de amores não correspondidos, espaço para recados a familiares mais distantes, aproximando-se com a comunidade, propiciando uma nova forma de produção de conteúdo do rádio, pois ele procurava meios favoráveis para se manter após a evasão das verbas oriundas de patrocínios ou do governo. Assim ficou definido a nova forma de ser do Rádio, após a chegada da TV alicerçada no tripé: música, entretenimento e prestação de serviço à comunidade.

E este foi o momento favorável para o surgimento das rádios FM's, as quais ofereciam programação capaz de atingir diferentes faixas etárias socioeconômicos-culturais (ORTRIWANO, 1985), agradando, principalmente, o público ouvinte jovem através de uma programação permeada com linguagem mais popular o que atraía de bom gosto também a atenção dos patrocinadores (SCHERER, 2011).

E nesta tessitura, o rádio foi constituindo-se e se firmando diante os acontecimentos e transformações que ocorriam constantemente na sociedade, fortalecendo sua marca ao levar alegria, informação, entretenimento, cultura, arte, música, encurtando distâncias, interligando e aproximando fronteiras e pluralidades sociais ao discutir e potencializar opiniões.

O rádio no Brasil Central

O som que ecoa ao norte de Goiás

De acordo com a literatura acadêmica, o Goiás junto com o estado do Pará e o Amazonas, foram os estados protagonistas nas transmissões de rádio na região norte do Brasil nas décadas de expansão do rádio (1940-1950), sendo marcados culturalmente por seus programas regionais e pelos sucessos de programas radiofônicos como, por exemplo, A Voz do Brasil, pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, quando o sistema brasileiro de rádio entrava em cadeia de transmissão.

Inicialmente, a presença do Rádio em Goiás caracterizou-se pelas primeiras transmissões realizadas por meio de sistemas alto-falantes acoplados aos postes da cidade de Ipameri, nos primeiros anos da década de 1920 (MARQUES, 2009), o que representou inovação tecnológica investida naquela cidade. Já ao Norte de Goiás, devido à distância da capital Goiânia e por não terem concessões públicas para a difusão do rádio, esperaram quase quarenta anos para a implantação da sua primeira emissora, surgindo ao final da década de 1960, na cidade de Porto Nacional. Assim, a primeira emissora chamada de Rádio Difusora do Tocantins operou de modo “clandestino”, e com a ajuda dos alto-falantes das igrejas, conforme apontam Paixão e Rocha (2018):



A comunicação por voz, no antigo norte goiano começou a ganhar corpo no início da década de 1960. Naquela época, as caixas de som instaladas nos postes das redes de energia e os alto-falantes das igrejas faziam com que recados, anúncios e músicas alcançassem um maior número de pessoas nos pontos em que os equipamentos estavam instalados (PAIXÃO; ROCHA, 2018, p.74).

A ideia de usos de alto-falantes instalados em postes da rede de energia e com a parceria de igrejas, pode ser considerado a faculdade dos primeiros locutores radialistas que faziam seus programas com conteúdos populares e regionais, aproximando e cativando a atenção dos ouvintes, que admiravam as vozes dos artistas locutores diante da facilidade e habilidade em dominar a fala repleta de oratórias e versos, diante o microfone, conforme Marques (2009) nos indica: “Os sistemas de alto-falantes representaram em Goiás, no entanto, a escola primária para os radialistas que trabalharam nas primeiras emissoras de rádio que surgiram na década de 1940 (...). Estes existiram em grande quantidade por todo o território goiano”. (MARQUES, 2009, p. 71).

De fato, o desenvolvimento dinâmico e forte do rádio deu-se na região Sul e Sudeste de Goiás, dado sua localização geográfica e estratégica perto dos grandes centros urbanos além da proximidade com o estado de Minas Gerais, outro território com grande potencial na difusão do Rádio na época.

Para tanto, Marques (2009) nos confirma que a primeira emissora de rádio legal com concessão liberada foi a Rádio Amplificadora Cultural de Anápolis, obra de Abelardo Velasco, cuja parte significativa da programação era preenchida com comerciais, os quais eram considerados o principal fundamento econômico da emissora. Acredita-se que o fato da programação ser em sua maioria voltada ao estilo Europeu e recheada com propagandas, deve-se ao fato de que não havia profissionais capacitados para produzir programas brasileiros, e mais com perfil da nossa localidade.

Posteriormente, mais precisamente em 05 de julho de 1942, na capital Goiânia, nasce a Rádio Clube de Goiânia com o prefixo ZYG-3, resultado do trabalho de Venerando de Freitas Borges, o prefeito na época. De acordo com Marques (2009, p. 77), esta foi a primeira emissora com a concessão legalizada pelo Estado. Ela destacou-se por ser a porta-voz do Presidente Getúlio Vargas em seus pronunciamentos em rede nacional e durante o período da Segunda Guerra mundial (1939-1945), retransmitindo as informações e acontecimentos de forma instantânea.

De acordo com Marques (2009), a rádio Clube de Goiânia ZYG-3 se diferenciou-se da Rádio Amplificadora pela organização interna da equipe, com profissionais capacitados e com disponibilidade de dedicação de tempo exclusivo, dando espaço para a profissionalização radiofônica no estado. Marques (2009) cita ainda que, mesmo com o foco de profissionalizar os trabalhos na emissora, a programação e as demais atividades eram, ainda, muito diletantes, aquém das programações das Rádios das grandes metrópoles mais experientes na produção.

O protagonismo dessas emissoras de rádio em Goiás limitava-se às Rádios Clube de Goiânia e Amplificadora Cultural de Anápolis (MARQUES, 2009, p. 71), até que se inaugura a Rádio Carajá de Anápolis, fruto da dedicação de João Simonetti e Ermetti Simonetti, no ano de 1946, como forma de fortalecer a voz do rádio em Goiás e despertar novos talentos no estado. Conforme Haydée Jayme,

Em 1946, chegaram a esta cidade, vindos de Bauru, Estado de São Paulo, João e Ermetti Simonetti, para aqui instalarem a primeira estação radiofônica. Resolvidos os trâmites legais, João Simonetti voltou a Bauru, ficando aqui o seu filho Ermetti, que, em dezembro de 1946, colocou no ar a Rádio Carajá de Anápolis, com o prefixo ZYJ-3 (apud FERREIRA, 1981, p. 261).

Esta emissora, embora criada de acordo com as normas estabelecidas pelo Estado, encontrou inúmeras dificuldades para a sua implantação (MARQUES, 2009, p. 71), pois a Carajá manteve programação semelhante à da Amplificadora Cultural de Anápolis, e teve dificuldades de recursos financeiros, falta de equipamentos e de profissionais da voz, a fim de atuar na grade de programação.

Por falar em programação, ela era permeada com propostas de entretenimento, informação, e o diferencial: um programa de auditório, seguindo exemplo de grandes emissoras de sucesso à nível nacional, com produção de programas de auditório e culturais, produtos estes provenientes de empresas brasileiras como, por exemplo, a Rádio Nacional e das rádios Tupi e Myrink Veiga, de São Paulo além de produtos vindos de emissoras estadunidenses. Mas é fato que, o rádio de Goiás revela-nos que ele seria palco de grandes produções culturais no futuro próximo.



De acordo com Marques (2009), diante dos fatos históricos registrados sobre a História do Rádio em Goiás, deve-se levar em consideração que a narrativa histórica nos traz poucas informações acerca da contextualização dos fatos, pois precursores do Rádio em Goiás não tiveram como preocupação central registrar as etapas de instalação das estações radiofônicas, conforme as palavras de Calabre (2003),

Funcionando dentro de uma lógica empresarial, as emissoras de rádio não se preocuparam com a preservação de suas histórias. As tarefas estavam centradas no dia a dia. O objetivo principal era o da manutenção e da ampliação da audiência, o que significava uma busca constante de novidades nos modelos de programação e nas atrações artísticas (CALABRE, 2003, p. 1).

Endossando as palavras de Santos (2019), a sociedade goiana soube valorizar a presença do rádio em suas terras, de modo que a viam como uma ponte de integração social, tendo em vista que, naquela época, não existia transporte popular que podiam levá-los à outras regiões do Brasil. E o rádio era esse caminho e trajeto de encontros com outras localidades, culturas e aproximação com outros estados federativos.

Diz ainda que a imprensa escrita da época ajudou no fortalecimento da imagem e presença do rádio em Goiás, noticiando que ele trazia para as casas das famílias goianas, um ambiente de boa música, artes e novidades que aconteciam nas grandes cidades do país.

Tecendo a história do rádio em Porto Nacional (1968-1989): em sintomia com o passado

O embrião do rádio tocantinense

Segundo Ferraretto (STEINBRENNER et.al, 2013), até os anos de 1980 o rádio era o único meio de informação e entretenimento presente na Região Norte do Brasil. Convém salientar que nas zonas rurais o único veículo de comunicação durante muitos anos foi e, em grande parte continua sendo, a Rádio Nacional da Amazônia, transmitindo em ondas curtas de Brasília para a Região Norte (FERRARETTO apud STEINBRENNER, 2013, p.3).

Conforme vimos, a década de 1940 é considerada a época de ouro do rádio brasileiro, período este marcado pela expansão do sistema de rádio por todo o país em que apresentavam uma programação repleta de entretenimento com a transmissão de radionovelas, radiojornais, músicas clássicas além da apresentação de formatos vindos das rádios estadunidenses.

Neste ensejo, no Norte de Goiás, na cidade de Porto Nacional, até então pertencente à jurisdição de Goiás, acompanhava essa explosão do rádio pelo Brasil e a elite portuense mantinha-se informada acerca dos acontecimentos pelo Brasil e pelo mundo, embora não existisse sequer uma estação de rádio no município, mas algumas poucas famílias tinham este privilégio de ouvir pelo aparelho de rádio e acompanhar as radionovelas e as canções que marcaram época.

De acordo com Santos (2019, p. 11), pode-se contestar com a História de que Porto Nacional era uma cidade isolada, pois ela revelava-se estar à par dos acontecimentos, pois tinha um público cativo que prezava pela importância de se ter o aparelho receptor em suas residências.

Conforme Paixão e Rocha (apud SANTOS, 2019), os fatos registram que a primeira emissora de rádio instalada na região Norte de Goiás, foi na cidade de Porto Nacional, como resposta de um sentimento dos cidadãos em ter uma emissora local a qual fosse espaço para busca de melhorias para a cidade, embora que para isso obtivessem a “ajuda” de participação política.

E sendo assim, ao final da década de 1960, a região Norte de Goiás passou a ter sua própria estação de rádio (SANTOS, 2019, p. 12), conforme corrobora Paixão e Rocha (2018):

“o pioneirismo da radiodifusão tocantinense ficou com Antônio Poincaré Andrade”. Em 1968 (...), Antônio Poincaré implantou no município a Rádio Difusora do Tocantins. Poincaré era uma liderança política que também fundou um jornal chamado de “Porto Nacional”. Neste jornal, é anunciada a



futura estação de rádio: Rádio Difusora Tocantins - A PRIMEIRA DO NORTE (PAIXÃO; ROCHA, 2018, p. 77).

De fato, conforme narram Paixão e Rocha (2018, p. 77), o protagonismo do rádio portuense ficou com Antônio Poincaré Andrade que exerceu o mandato de prefeito entre os anos 1973 e 1977. Neste período, criou a emissora em sua residência, como forma de se proteger da fiscalização e das consequências da Ditadura Militar (SANTOS, 2019, p. 14), dando-lhe o nome de Rádio Difusora do Tocantins, a qual ficou apenas dois anos no ar, por operar de forma ilegal:

[...] a emissora que funcionava em Ondas Médias e atingia, com suas ondas sonoras, cidades que situavam a uma distância de aproximadamente 800 quilômetros de Porto Nacional, como era o caso de Araguaína. A programação dessa rádio variava entre uma programação musical com pedidos de ouvintes a programas de auditório (ROCHA, 2006, p. 6).

A administração geral da emissora ficava sob a responsabilidade de Dinoráh José Costa Andrade, esposa do prefeito, a qual chegou a fazer programas de entretenimento: “[...] tínhamos vários locutores, como o Lenine, que traziam os cantores aqui da região, de Ponte Alta, como o Palmeron, que cantava com o irmão dele. Era muita música, notícia, propaganda de lojas...” (O RÁDIO NO TOCANTINS, 2017).

De acordo com os estudos de Santos (2019), o contexto da Ditadura Militar circunscreveu o desenrolar da estação de rádio em questão. Isso, porque a emissora não tinha a concessão para funcionamento até que, após dois anos de operação, teve suas atividades interrompidas com o fechamento da emissora. Conforme Paixão e Rocha (2018, p. 78), “A emissora, que funcionava dentro da casa de Antônio Poincaré e Dinorah Andrade, também sofreu as consequências da ditadura militar. Conforme publicação no site da prefeitura de Porto Nacional, que traz a galeria de prefeitos do município, a emissora foi fechada pouco mais de dois anos após entrar no ar”.

Em entrevista concedida ao Documentário O Rádio no Tocantins (2017), Dinoráh Andrade relatou que a emissora ficou no ar até 1970, ano em que a Polícia Federal fechou a rádio, apreendeu os aparelhos que, após deixados nos Correios, tiveram destino ignorado. Este fato, de certo modo, tirou dos moradores da Porto Nacional a “voz” do povo do Norte: tirou o poder de comunicação e o sentimento de liberdade.

Para tanto, praticamente na década seguinte, surge as Rádios livres, as famosas “piratinhas” que virou febre na década de 1980, cujo objetivo era de ser um canal democrático, favorecendo a comunicação dialógica através da interação direta com o ouvinte (SOUZA; 2016, p. 180). A proposta era, de fato, tornar-se a voz da comunidade oportunizando-lhe espaço para defender seus valores e liberdade de expressão.

A primeira estação de Rádio livre a entrar em operação na cidade de Porto Nacional, foi a Rádio Atividade FM, em 1987, quando chegava fugido de Gurupi um rapaz conhecido por Celles (seu nome artístico no rádio). Veio escondido do Dentel- Departamento Nacional de Telecomunicações – e trouxe consigo um transmissor de FM de confecção caseira, detentor de 30 watts de potência, além de poucos esparsos de equipamentos de áudio “sendo 01 microfone, um aparelho de toca discos, um aparelho de toca fitas, um amplificador, um mixador de áudio e um aparelho de rádio receptor” (ROCHA, 2006, p. 9). Celles não demorou muito tempo na cidade de Porto Nacional: com três meses de estadia, resolveu deixar o município e os aparelhos da Rádio Atividade FM passaram para nossos proprietários:

Na verdade, ele [Celles] havia vendido os equipamentos em troca de um fusca vermelho, ano 68, ao proprietário de uma loja de peças para motos, chamado William Aires e este se juntou com seu mecânico, que já era locutor da Rádio Atividade, Raildo Barros, que veio no futuro a ser um dos grandes nomes do rádio portuense. Este, que já possuía mais alguns equipamentos de som, passou a administrar a emissora, mudando seu nome para Transamérica FM, até [que houve] um desentendimento com o sócio onde separaram os equipamentos, sendo que os primeiros, juntamente com o transmissor, foram vendidos pelo William ao radialista Wesley Rocha, que a partir daí montou sua própria rádio chamada Cassete FM (ROCHA, 2006, p. 9).

Importante frisar que a criação da Rádio Atividade FM e, posteriormente, da Rádio Transamérica FM e da Cassete FM, são fatos considerados o embrião do rádio tocantinense tendo em vista que o estado de Tocantins foi criado pela



legislação de 1989 tendo Porto Nacional, a cidade mais desenvolvida na região, como cenário das primeiras emissoras de ondas curtas FM.

De acordo com Rocha (2006), as rádios livres foram a escola para a descoberta de talentos, escola para aprendizagens e aperfeiçoamento de figuras que, anos depois, tornaram-se profissionais respeitados em Porto Nacional, e pelo Brasil.

As rádios livres de Porto Nacional revelaram nomes que atuaram ou até hoje atuam com sucesso nas rádios pelo Brasil afora e na vida artística, como Raildo Barros, que, posteriormente, veio a ser coordenador das rádios Anhanguera AM e Araguaia FM. Seu assassinato em 1996 foi tema de uma matéria jornalística do programa Linha Direta da TV Globo; Nelson Júnior - cantor, compositor e humorista, atuou em várias rádios do Brasil, dentre elas a Jovem Pan e Rádio Jornal de Brasília; Arnaldo Bahia, que hoje é diretor administrativo da Rádio Tocantins AM; Samuel Lacerda, que chegou a ser diretor da Rádio Imperial FM; Jô Cristina, que atuou em emissoras de Palmas, Paraíso do Tocantins, Porto Nacional e Conceição do Araguaia, no Pará; Frank Ney, que atua hoje na cidade de Gurupi; Genilton Salles destacou-se como cantor, organizando sua própria banda; e Wesley Rocha, que hoje é diretor da Rádio Porto Real FM (ROCHA, 2006, p. 10).

O Documentário O Rádio no Tocantins (2017) relata-nos que foi também em Porto Nacional a cidade a receber a primeira concessão para operar uma emissora de rádio devidamente legalizada, a qual saiu para o Deputado Siqueira Campos, em março de 1985. Mas ela foi repassada para as organizações Jaime Câmara, sob o nome de Rádio Anhanguera AM tendo como seu primeiro diretor José Pereira de Macedo, que relata como foi a festa de inauguração e a primeira transmissão oficial:

Veio a diretoria toda da Organização Jaime Câmara para Porto Nacional, as autoridades: prefeito, vereadores, vigário. O padre Juracy Cavalcante foi o homem que deu a benção e a primeira música que rodou na Rádio foi Voyage, Voyage4, uma música muito bonita, o locutor de abertura foi um dos diretores de rádio da Organização Jaime Câmara, senhor Fábio Roriz (O RÁDIO NO TOCANTINS, 2017).

Após a morte de seu fundador Jayme Câmara, em 1994, a Rádio Anhanguera passou à presidência ao Senador João Rocha, o qual renomeou a emissora com o nome de Rádio Tocantins AM (ROCHA, 2006, p.11), que está no ar até os dias de hoje, com sede de seus estúdios na capital, Palmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo isso que foi abordado acerca da história do rádio neste texto, algumas reflexões são importantes. Com o surgimento das emissoras de rádio no Brasil, a partir de 1920, percebe-se no constructo desta pesquisa que a concessão de uma rádio era um projeto altamente lucrativo tendo em vista os lucros obtidos em torno da veiculação de publicidades.

E este fator contribuiu para a criação de programas que marcaram os Anos de Ouro do Rádio Brasileiro, com transmissões das famosas radionovelas, radiojornais, programas humorísticos que se tornaram, anos depois, inspiração para o surgimento de programas de televisão.

Com o avanço da televisão a partir da década de 1960, as emissoras radiofônicas precisaram reinventar-se alterando a grade de programação voltando-a para um modelo mais popular, pois no início, ouvir rádio era privilégio reservado à elite.

Ao se expandir para outros estados, e específico em Goiás, a história registra que o surgimento do rádio começou de forma simples em que os rádios-postes eram a grande novidade da época, ao retransmitir programas de cadeia nacional, e/ou programas regionais.

Fato que despertou nos moradores da região norte de Goiás, especificamente os moradores de Porto Nacional, a sonharem com uma emissora local pela qual pudessem ser ouvidos em suas reinvenções e necessidades. E assim, nasceu



a Difusora do Tocantins, pela idealização do Prefeito Antônio Poincaré Andrade, em 1968, operando de forma clandestina, sendo extinta em 1970.

Mas este fato encorajou outros desbravadores a preservar o sonho de poderem expressar sua voz, criando as rádios livres, ao final de 1987, as rádios clandestinas, também chamadas de “piratinhas”, que concorriam pelo primeiro lugar na audiência, oferecendo uma programação variada, com muita música e participação dos ouvintes através das cartas.

Por meio desta pesquisa, é possível perceber que há lacunas na história do rádio portuense, tendo em vista que muitos fatos não foram registrados e outros até esquecidos. É um grande desafio delinear um caminho de pesquisa sobre a história do rádio em Porto Nacional, mas devido a sua importância, mesmo através dos fragmentos dessa história, pretende-se aprofundar nesta pesquisa a fim de contribuir para a preservação da memória local.

REFERÊNCIAS

BARBOSA FILHO, André. Gêneros Radiofônicos. 2ª edição, São Paulo: Paulinas, 2009.

BRASIL. Decreto nº 87.615, de 21 de setembro de 1982. Outorga concessão à RÁDIO SIQUEIRA CAMPOS LTDA. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/1980-1984/D87615.htm. Acesso em: 12 de maio de 2021.

CALABRE, Lia. No tempo do rádio: Radiodifusão e Cotidiano no Brasil (1923 - 1960). Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

CALABRE, Lia. A participação do Rádio da Sociedade Brasileira 1923-1960). Fundação Casa de Rui Barbosa, RJ: 2004.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: teoria e prática. São Paulo: Ed. Summus, 2014.

FERRARETTO, Luiz Artur. Rádio: O veículo, a história e a técnica. 2º ed. Porto Alegre, Sagra Luzzatto, 2001.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. O rádio sem onda – Convergência digital e novos desafios na radiodifusão. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

LOPEZ, Debora Cristina; VIANA, Luana; ALVES, Ticiane; FERREIRA, Laís; SANTOS, Priscila. Audiência radiofônica: a construção de um conceito a partir da metamorfose do meio. Revista Ação Midiática: Estudos em Comunicação Sociedade e Cultura. Universidade Federal do Paraná. Nº 10, p. 181-198, 2015.

MARQUES, Edmilson Ferreira. A História do Rádio em Goiás (1950-1963) [S.L]. Disponível em https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/Edmilson_ferreira.pdf acessado em 12 de maio de 2021.

MARQUES, Edmilson Ferreira. Tecnologia, política e cultura na história do rádio em Goiás (1950-1964). 2014. 378 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

MEDITSCH, Eduardo. A informação sonora na webemergência: sobre as possibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós-mídia. In: MAGNONI, Antonio Francisco;

CARVALHO, Juliano Maurício de. (Orgs.). O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital. São Paulo: Ed. Senac, 2010.

MELIANI, Marisa. Rádios Livres: o outro lado da voz do Brasil. 1995. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

MENEGUEL, Y. P. **O rádio no Brasil:** do surgimento à década de 1940 e a primeira emissora de rádio em Guarapuava. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf>>. Acesso em: 20 maio de 2021.

O RÁDIO NO TOCANTINS. **Na Memória do Rádio**. Palmas: Rádio UFT FM, 24 de maio de 2017. Programa de Rádio. Disponível em: <https://docs.uft.edu.br/share/s/EbsINkwjSEmVfLxjCTUCOA>. Acesso em: 20 de março de 2021.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio:** os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1985.



- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Radiojornalismo no Brasil: fragmentos de história.** Revista USP. Num 22, dez-fev 2002-2003.
- PAIXÃO, Cláudio Chaves; ROCHA, Liana Vidigal. **O rádio no Tocantins: o processo de implantação e consolidação das primeiras emissoras.** Revista Rádio-Leituras, Mariana-MG, v. 09, n. 01, jan./jun. 2018.
- PASSETI, Edson. **A política no ar: r ádios livres e estatização.** In: IV Congresso Estadual dos Sociólogos do Estado de São Paulo. Mimeo. São Paulo, 1987.
- ROCHA, Wesley Vilarins da. **Uma história local do Rádio: ondas magnéticas “livres” e privadas em Porto Nacional. 1968 – 1990.** Universidade Federal do Tocantins (UFT). Monografia (Curso de História), 2006.
- SANTOS, Maycon Douglas Vieira dos. **Porque o rádio tem história: reflexões históricas sobre o rádio no antigo norte de Goiás.** Rev. Hist. UEG - Morrinhos, v.8, n.2, e-821913, jul./dez. 2019.
- SANTOS, Wanderson Alves. **A Geografia do Rádio em Goiás.** XIX Encontro Nacional de geógrafos: pensar e fazer a Geografia brasileira no século XIX. João Pessoa: PA,2018.
- SILVA, L.S.D.; SANTOS, R.M.; DANIELO, N.; ALENCAR, M.A.G.; NORONHA, M.P. **Tecnologia, política e cultura na história do rádio em Goiás – 1950-1964.** Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Goiás, 2014.
- SOUZA, Sandra Sueli Garcia de. **Rádios Livres na linha do tempo: das FMS à rede mundial de computadores in Noventa anos de Rádio no Brasil.** Uberlândia: EDUFU, 2016.
- SOUZA, Sandra Sueli Garcia de. **Rádios Ilegais: da legitimidade à democratização das práticas.** 1997. Dissertação (Mestrado), Universidade Metodista de São Paulo, 1997.
- SOUZA, Luzinete Guardiã de. Trecho extraído de relatos da pesquisa sobre história do rádio em Porto Nacional. Entrevista concedida à Marcelo Alessandro Honorato de Souza. **Projeto de pesquisa de Mestrado em Educação História do Rádio em Porto Nacional (1968-1989).** PPGE/UFT, Palmas-TO, 2021.
- STEINBRENNER, Rosane Maria Albino; ANGELIM, Juliana de Kássia de Oliveira; OLIVEIRA, Fernando Henrique Gomes; TRINDADE, Raquel Sales; VIANA, Wanessa Alexandrino. **Conta Mais sobre a história do rádio no Brasil!** Encontro Nacional de História da Mídia: Ouro Preto-MG, 2013.
- TAVARES, Reynaldo. **Histórias que o rádio não contou.** São Paulo: Negócio, 1997.

NOTAS

ⁱ As chanchadas foram um gênero de filme brasileiro que tiveram seu auge entre as décadas de 1930 e 1950. Elas eram comédias musicais, misturadas com elementos de filmes policiais e de ficção científica

